

Além da exclusão: o futebol paulista e o Sport Club Corinthians Paulista (1910-1912)

Rafael Vieira Domingos

Resumo

Este artigo pretende analisar o período de 1910 a 1912, que compreende os anos iniciais do Sport Club Corinthians Paulista, com o fito de compreender o futebol praticado na cidade de São Paulo à luz das relações travadas entre as classes sociais mais abastadas, que administravam os clubes de elite, e a camada pobre da população e o que se convencionou chamar de futebol de várzea. Com base nos novos estudos acerca do futebol e a importância que vêm tomando na área acadêmica, tornam-se notáveis as narrativas e interpretações que se constroem sobre essa manifestação cultural e esportiva. Para atingir os objetivos citados, recorri, principalmente, aos trabalhos dos autores Celso Unzelte, João Paulo França Streapco e Plínio Labriola Negreiros, cujas produções são muito significativas para o estudo do futebol em São Paulo.

Palavras-chave: Futebol – Futebol de várzea – Sport Club Corinthians Paulista – São Paulo.

I. São Paulo e seus espaços de *Foot-ball*

Os esportes como atividades de lazer na cidade de São Paulo em fins do século XIX estavam demarcados socialmente, haja vista que os grupos privilegiados, no período pós-abolição, criaram diversas estratégias para assegurar a manutenção de seus privilégios. A exclusão social, nitidamente estabelecida, era criada, protegida e fortalecida por uma elite que detinha o controle de determinados espaços sociais, culturais, econômicos e políticos (ROLNIK, 1997). No espaço e tempo, em decorrência do processo de reestruturação urbana – que operou profundas transformações na cidade –, bem como do fim da escravidão, a população se estruturava em bases “seguras” ao observar a expansão tangível da capital paulista (SEVCENKO, 1992). Mas quais eram os elementos de distinção social? Com quais práticas a elite paulistana buscava demarcar determinados espaços como “seus”? O futebol inseriu-se nesse processo como elemento de distinção social?

Segundo Henrique Nicolini (2001), em sua obra *Tietê: o rio do esporte*, a intensidade do crescimento demográfico explica, em parte, a expansão da prática esportiva. Nesse sentido, o surgimento da metrópole agregou novos valores e contribuiu para o surgimento de novas relações sociais. Em 1890, a população da cidade de São Paulo era de 70.000 habitantes, passando a uma nova configuração em 1917, com 587.000 habitantes (NICOLINI, 2001).

O autor Nicolau Sevcenko problematiza as disparidades sociais no surgimento da metrópole:

Situações que se entrecruzavam, porque a nova metrópole emergente era um fenômeno surpreendente para todos, tanto espacialmente, por sua escala e heterogeneidade, quanto temporalmente, tão absoluta era a sua ruptura com o passado recente. Afora uma inexpressiva minoria, que desfrutava o raro privilégio das viagens internacionais, a maciça maioria da população ignorava por completo a experiência de viver numa metrópole, até o momento em que foi inadvertidamente envolvida numa (1992, p. 40).

Segundo os dados e as problematizações dos autores citados, podemos identificar o tecido social urbano da cidade de São Paulo e o momento impaciente de transformação, que acarretaram a reorganização dos modos de vida na sociedade. Dessa maneira, a cidade que se desenvolvia agregou novas formas de sociabilidade, vivências, busca de novos prazeres e lazeres. Consoante os aspectos mencionados, a presença de nacionalidades diversas que passaram a integrar o tecido social resultou na difusão e intensidade da prática espor-

tiva. Os espaços de práticas esportivas eram segregados, não estabelecendo, de maneira alguma, uma relação diferenciada do que já ocorria nas dinâmicas sociais do cotidiano. A segregação como elemento estruturador da cidade de São Paulo já estava em curso no último quartel do século XIX, agravando-se com a explosão demográfica que atingiu a cidade na década de 1890 (ROLNIK, 1997). Formações de clubes esportivos, ruas e espaços vazios eram locais de manifestação desse novo aspecto cultural.

Segundo João Paulo França Streapco, a prática do futebol na cidade começou de forma “modesta”, na várzea do Carmo e em algumas chácaras do bairro do Bom Retiro, regiões que no final do século XIX estavam fora do perímetro urbano da cidade. O futebol “inserido” por Charles Miller na cidade tinha inicialmente seu espaço na Chácara Dulley, localizada no bairro do Bom Retiro e utilizada por ele, pela comunidade britânica e pelos sócios do São Paulo Athletic Club (STREAPCO, 2010, p. 14). Com o processo de urbanização do bairro, que remonta ao início do século XX, a Chácara Dulley desapareceu para ceder espaço aos quarteirões e ruas que receberam um grande contingente de imigrantes italianos nos anos seguintes. Das relações entre os jogadores de futebol da Chácara Dulley, em 1902, surgiu no Velódromo Paulista o *futebol oficial*. Organizou-se também, no mesmo local, o primeiro campeonato paulista de futebol e a Liga Paulista de *Foot-ball* (LPF), composta apenas por equipes de jovens de famílias abastadas de origem estrangeira e nacional.

Segundo Streapco (2010), a grande diferença entre os espaços utilizados pela elite e pelos grupos populares consistia no fato de que indivíduos de determinados grupos sociais foram impedidos de frequentar os mesmos espaços da elite paulistana.

O mesmo autor, ao analisar os documentos e as memórias de pessoas que não pertenciam à elite, embora tenham sido partícipes desse processo, conclui que “a memória do futebol paulistano é resultado de uma construção” (STREAPCO, 2010, p. 70). Desse modo, a elitização e sofisticação do futebol nos seus anos iniciais são produtos de um processo de seleção que descartou aspectos rudimentares e de improvisação do início dessa prática esportiva.

Nesse sentido, a construção de uma tradição e memória se insere numa lógica de “invenção das tradições”, conforme Eric Hobsbawm analisa¹:

1 “O termo ‘tradição inventada’ é utilizado num sentido amplo, mas nunca indefinido. Inclui tanto as ‘tradições’ realmente inventadas, construídas e formalmente institucionalizadas, quanto as que surgiram de maneira mais difícil de localizar num período limitado e determinado de tempo – às vezes coisa de poucos anos apenas – e se estabeleceram com enorme rapidez” (HOBSBAWM; TERENCE, 2012, p. 7).

Por “tradição inventada” entende-se um conjunto de práticas, normalmente reguladas por regras tácitas ou abertamente aceitas; tais práticas, de natureza ritual ou simbólica, visam inculcar certos valores e normas de comportamento através da repetição, o que implica automaticamente, uma continuidade em relação ao passado. Aliás, sempre que possível, tenta-se estabelecer continuidade com um passado histórico apropriado (2012, p. 8).

Nos anos iniciais da inserção do futebol na cidade, os jovens que não pertenciam à elite paulistana atuavam na Várzea do Carmo, local de prática do futebol e formação de muitos clubes. Tratava-se do futebol não oficial, aquele que não estabelecia relações diretas até então com as práticas futebolísticas dos clubes de elite e da LPF². Para Hilário Franco Júnior (2007), os colégios e clubes eram os espaços restritivos de formação, lazer e sociabilidade, representando, assim, a superioridade da elite, ou sua pretensão. Tais vínculos demonstravam o afastamento dessas instituições dos demais setores da sociedade paulistana.

II. A várzea

O futebol na cidade de São Paulo não pode ser estudado ou citado sem se considerar a prática nas áreas das várzeas, áreas adjacentes e margens dos rios, fato que justifica essa denominação: o futebol da várzea ou varzeano. Tal denominação era uma desqualificação e depreciação dessa prática realizada por pobres e clubes populares. Segundo Streapco (2010), era o futebol popular, “pequeno” ou “varzeano” em contraposição ao “futebol oficial”, praticado pelas elites. “Os times eram formados por grupos de profissionais, de amigos de rua ou bairro, de escola, de parentes; sua consolidação no meio futebolístico dependia do êxito alcançado nas partidas, razão pela qual os times se formavam, se desfaziam e se refaziam em profusão” (STREAPCO, 2010, p. 38)³.

² A LPF, fundada em 14 de dezembro de 1901, foi a primeira entidade a congregar as equipes de futebol do estado de São Paulo e a organizar o primeiro Campeonato Paulista, em 1902.

³ Segundo João Paulo França Streapco (2010), a primeira região utilizada por essa população mais pobre para a prática do futebol no início do século XX ficava às margens do rio Tamanduateí. Essa área era conhecida como Várzea do Carmo, pela proximidade com a igreja do Carmo e a ladeira de mesmo nome, que ligava a parte alta, formada pelo tradicional “triângulo” da cidade, com a várzea.

A várzea concentrava um bom número de clubes e jogadores de fábricas e de bairros, sendo difícil definir os jogadores pertencentes a cada um, pois estavam inter-relacionados, quase sempre atuando em um ou mais clubes, além de campeonatos.

Os times eram formados por moradores dos bairros próximos, como o Brás (Minas Gerais), e o Bom Retiro (Bello Horizonte e Botafogo) ou mesmo das adjacências da várzea do Carmo (Vinte e Cinco de Março), ou por funcionários de empresas que ficavam no entorno da várzea do Carmo (Domitila) [...] Aos poucos, nos bairros mais distantes surgiram times que se encaminhavam para a várzea do Carmo a fim de disputarem partidas e campeonatos que ali eram organizados (STREAPCO, 2010, p. 40).

Com o futebol oficial e o não oficial na cidade de São Paulo nos primeiros anos do século XX, nota-se o aumento dessa prática esportiva acompanhado pela cidade. O futebol virou uma maneira nova de lazer, paixão e emoção. Além de ser praticado nos espaços das entidades oficiais, o futebol não deixou de estar presente nos setores diversos da população. “Sem equipamentos adequados e jogando com bolas adequadas ou mesmo improvisadas, em terrenos não ocupados pelo processo de urbanização, o futebol dos grupos subalternos tornava-se um modo de representação da existência negada em outros campos sociais” (FRANCO JÚNIOR, 2007, p. 63-64).

Do Velódromo, espaço da elite econômica e dirigente paulistana, passando pelos inúmeros campos presentes em cada bairro da cidade e chegando aos terrenos vazios, não resta dúvida do apreço da população de São Paulo pelo futebol. As barreiras de classe, marcantes no ciclismo e no tênis, começavam a ser rompidas pelo futebol. Assim, reconhece-se que a crescente paixão e a própria dinâmica pelo jogo da bola alimentou uma progressiva rivalidade entre os clubes da LPF, além da multiplicação diária dos clubes dos arrabaldes. Esse crescimento, quantitativo e qualitativo, produziu, no futebol, transformações importantes. De um lado, parte dos “clubes de elite” não se importava mais em manter os seus times fechados só para a elite. Interessava, em essência, vencer. Essa parcela de clubes foi buscar, a partir de 1908, nos times de bairro, bons jogadores, independente das suas origens sociais. Os clubes de bairro, por sua vez, desejaram participar do futebol oficial (NEGREIROS, 2010, p. 213-214).

III. O Sport Club Corinthians Paulista da várzea (1910-1912)

Nesse contexto histórico, início da prática futebolística na cidade e nos diversos setores sociais e espaciais, o Brasil recebe a visita do clube de *foot-ball* da Inglaterra, o Corinthian Team, nos meses de agosto e setembro de 1910. Os jogos realizados em São Paulo pelo clube inglês foram contra os clubes Associação Atlética (A. A.) das Palmeiras, Paulistano e São Paulo Athletic.

Algumas reuniões já ocorriam no salão do barbeiro Salvador Bataglia, irmão do primeiro presidente do clube, porém, o nome não havia sido decidido até então. Após o alvoroço causado pela visita do clube inglês, o nome torna-se o mesmo. Em 1º de setembro de 1910, no bairro do Bom Retiro, na rua José Paulino, esquina da rua Cônego Martins, funda-se o Sport Club Corinthians Paulista. Os fundadores são Anselmo Corrêa, Antônio Pereira, Carlos Silva, Joaquim Ambrósio e Raphael Perrone, com o apoio de mais oito sócios fundadores: Alexandre Magnami, Felipe Aversa Valente, Miguel Sottile, João da Silva, Salvador Lopomo, João Morino, César Nunez e Miguel Bataglia (UNZELTE, 2009, p. 12).

O clube era formado por brasileiros, mas a maioria era estrangeira, como italianos e portugueses. Isso decorreu do fato de o bairro Bom Retiro, devido à sua proximidade e fácil acesso ao centro, bem como de uma estação ferroviária, ter favorecido a localização residencial, industrial, comercial e de instituições públicas, extrapolando assim os tipos de ocupação de um simples bairro. “Como outros bairros operários da cidade – Brás e Mooca, principalmente – o Bom Retiro rapidamente torna-se um bairro populoso, com grande parte de sua população vivendo em cortiços, de 4.000 habitantes em 1901, passa a ter 29.804 em 1920” (MANGILI, 2011, p. 47). A presença de estrangeiros neste bairro também adquiriu uma configuração particular. É um bairro que foi ocupado por sucessivos grupos de imigrantes, desde sua origem.

No Bom retiro e nos demais bairros operários predominava no início do século a população de origem estrangeira. Entre 1870 e 1890 os portugueses eram maioria no Bom Retiro, e entre 1900 e 1940 os italianos passam a ser o grupo étnico dominante (MANGILI, 2011, p. 50).

Liziane Peres Mangili evidencia em sua pesquisa que no início do século XX existiam ligas e associações no bairro, além de associações recreativas e beneficentes. “Em 1910, na Rua dos Imigrantes (atual rua José Paulino), foi fundado por operários do bairro o Sport Club Corinthians Paulista, que teve como primeiro presidente o alfaiate Miguel Bataglia” (MANGILI, 2011, p. 54).

Segundo João Paulo França Streapco,

[...] as fontes indicam que era um clube fundado por amigos, possivelmente vizinhos no Bom Retiro, que queriam jogar futebol e se inspiraram na visita do clube homônimo inglês para nomeá-lo. Evidentemente, não foi fundado pela elite paulistana, mas a presença de um dentista, um barbeiro, um alfaiate e alguns comerciantes entre seus fundadores sugere que pessoas de uma pequena classe média integravam o grupo (STREAPCO, 2010, p. 188-189).

Muitos dos fundadores eram operários, funcionários ou comerciantes. Joaquim Ambrósio e Antônio Pereira eram pintores de parede; Raphael Perrone veio de Nápoles, Itália, onde trabalhara como sapateiro; Anselmo Corrêa era cocheiro; e Carlos Silva, trabalhador braçal (UNZELTE, 2009, p. 12).

Em 10 de setembro, o Corinthians realizou seu primeiro jogo contra o União da Lapa, na própria Várzea da Lapa, partida que terminou com a derrota de 1 × 0. A escala do time foi a seguinte: Valente (Felipe Avena Valente, primeiro goleiro da história do Corinthians e um dos fundadores, atuando em três jogos, em 1910), Perrone (Raphael Perrone, zagueiro e capitão do primeiro jogo e um dos fundadores, atuando em três jogos, em 1910) e Atilio (Atilio Fred, zagueiro, que atuou em quatro jogos, em 1910 e 1911), Lepre (Francisco Lepre, lateral esquerdo, atuou em 13 jogos, entre 1910 e 1913), Alfredo (Alfredo de Assis, volante, esteve no time entre 1910 e 1913 e atuou em 14 jogos) e Police (Francisco Police foi lateral direito, esteve no time entre os anos de 1910 e 1917, atuando em 63 jogos e marcando cinco gols); João da Silva (ponta direita, fundador, atuou em três jogos, em 1910), Jorge Campbell (meio campista, atuou em seis jogos, entre 1910 e 1912, marcando um gol), Fabi (Luiz Fabi, centroavante, marcou o primeiro gol da história do clube, atuou em 15 jogos entre 1910 e 1913 e marcou quatro gols), César Nunes (lateral esquerdo, atuando como meia e até ponta direita – sócio fundador, esteve no time entre os anos de 1910 e 1920 e atuou em 132 jogos, com oito gols marcados) e Joaquim Ambrósio (ponta esquerda, esteve no clube entre 1910 e 1912, atuando em cinco jogos)⁴ (UNZELTE, 2000).

Fato unânime entre os pesquisadores é a falta de fontes sobre esse período, pois se trata da “pré-história” do clube, esse seu período na várzea, no qual não existia a salvaguarda de alguns documentos e atas nem a exigência

⁴ Segundo Celso Unzelte (2000), Joaquim Ambrósio também foi responsável por batizar o clube com o nome Corinthians, em homenagem ao time inglês Corinthian Team.

legislativa sobre atas e documentações, como ocorria com as entidades oficiais de organização do futebol, ocorrendo somente em 1913 a primeira documentação do clube, após seu ingresso na LPF.

A fundação foi um momento que muito preocupou a memória sobre o SCCP. São amplos os relatos que se referem a esse evento e ele marca profundamente o espírito que simboliza o clube. Quase nada, porém, se conhece do período que vai da fundação, em setembro de 1910, até o ingresso na LPF, em março de 1913. Os depoimentos caminham em um mesmo sentido quando se referem a esse momento, colocando-o como de grandes dificuldades econômicas para o SCCP. Mas, paradoxalmente, nada mais se informa. São poucas as notas nos periódicos da época (NEGREIROS, 2010, p. 219).

Conforme algumas pesquisas feitas em periódicos e no trabalho de Plínio Negreiros (1992, 2010), esse período é um pouco preenchido com algumas notas em jornais, principalmente sobre informações de jogos. Em 1911 e 1912, *O Estado de S. Paulo* e o *Correio Paulistano* anunciavam jogos a serem realizados ou que já haviam sido realizados pela equipe, nos levando a questionar alguns fatos: o clube joga em 7 de maio de 1911 contra o clube da Ponte Preta em Campinas, ou seja, o Corinthians já atuava fora da cidade de São Paulo, mesmo sendo um clube ainda de várzea. Esse fato se repete em 16 de maio de 1912 e em 9 de junho do mesmo ano, em Jundiaí, quando o time joga contra o Fluminense de Jundiaí e o Paulista (NEGREIROS, 1992). Há também outro fato relevante:

Mas, se por um lado os periódicos anunciavam a realização de alguns jogos do SCCP, que permitiram as reflexões feitas há pouco, por outro, não informam, os mesmos jornais, maiores detalhes das partidas realizadas. Por causa disso, não se conhece nenhum resultado desses embates esportivos, pelo menos através da imprensa escrita. Inclusive, não se tem garantias que, de fato, todos esses jogos foram efetivados. O SCCP continuou a não ter espaços significativos nos periódicos. Estes preferiam dar espaço a campeonatos internos dos clubes de elite (NEGREIROS, 1992, p. 72).

Segundo o autor, mesmo que os dados sobre o clube estejam dispersos em relatos e crônicas da época, é possível observar uma dificuldade econômica, fato comum entre os clubes varzeanos (NEGREIROS, 1992). Esse período de dificuldade ainda se faz presente na memória do clube, que a atualiza como um signo de garra da agremiação, que conseguiu se sobressair entre os adversários, ingressando numa liga de futebol oficial e superando crises econômicas.

A narrativa existente de um clube de operários e pobres é reforçada nos dias atuais, uma vez que foi o primeiro clube de várzea a ingressar no principal campeonato da cidade. Tal período é significativo no que tange às relações de um clube de várzea, de bairro operário, com o futebol da cidade, que flutuava entre o futebol não oficial e oficial e as relações entre essas duas práticas.

Destarte, o início da história do Sport Club Corinthians Paulista nos revela que o clube já se preparava para a entrada no futebol oficial da cidade, o que o levou a iniciar um processo de mudanças para adaptar-se à nova realidade. João Martins Neves, morador da rua dos Italianos, em 1910, no bairro do Bom Retiro, em relato constante na obra *Esse Corinthians do avesso*, de João Milton Ananias (2012), reproduz uma fala de Miguel Bataglia: “Não vamos apenas formar um time, vamos muito além: marcar a presença do povo paulista nos anais do futebol e da cidade. Não vai ser fácil, mas o nosso lema é: lutar sempre com bravura e fibra; com isso, chegaremos à elite do futebol” (ANANIAS, 2012, p. 37). Ou seja, concessões necessárias foram realizadas pelo clube do Bom Retiro com o intuito de facilitar seu acesso à organização do futebol oficial. “Admitido na Liga em 1913, campeão em 1914, o SCCP já era um clube que detinha o prestígio junto ao meio esportivo de São Paulo. Passa a ser citado com maior frequência nos jornais e tratado com relativa deferência” (NEGREIROS, 2010, p. 221).

O Corinthians faz parte de um processo, figurando como pioneiro na entrada de clubes e jogadores de origem popular nas ligas do “futebol oficial”, tornando significativa a participação de setores subalternizados num espaço reservado às elites brasileiras. Segundo Hilário Franco Júnior, “de certo modo, pode-se pensar que o futebol tornou-se um dos primeiros e mais significativos exemplos de incorporação desses setores numa sociedade caracterizada pela cidadania restritiva e por marcantes diferenças sociais” (FRANCO JÚNIOR, 2007, p. 66).

iv. Considerações finais

No início do século XX, o futebol tornou-se evidentemente um meio de distinção social pelo grupo de elite da cidade, pelo controle das práticas futebolísticas e seus espaços. O ingresso de um clube de bairro numa liga de futebol oficial desmonta tal afirmação, o que nos leva a observar que as práticas de futebol na cidade não estavam tão demarcadas, havendo relações e intercâmbios entre si. Do mesmo modo, o clube do Bom Retiro estava

disposto a ingressar numa liga oficial e atuar nessa prática com os clubes de elite. Nesses anos iniciais, o Sport Club Corinthians Paulista insere-se num processo de “popularização” do futebol na cidade de São Paulo, tornando possível a participação de associações esportivas de origens sociais diversas na estrutura do futebol oficial, agindo, dessa forma, pelo caráter de competitividade esportiva. O período sobre o qual esta análise se debruçou, de 1910 a 1912, torna-se importante para esse processo de mudança das estruturas do futebol paulista.

Portanto, é possível observar o processo de diluição dos espaços sociais, da separação oficial entre a prática do futebol das elites e a prática popular dos esportes nas várzeas pela cidade. Com os êxitos obtidos na várzea, o clube já galgava maiores espaços no futebol paulista, e o futebol oficial mudava suas normas e comportamentos, agregando as camadas populares em torno dessa prática num processo ainda lento, porém inaugural desse período do futebol paulista.

Referências

- 100 Corinthians. São Paulo, 2010-. Disponível em: <<https://bit.ly/2KMX45c>>. Acesso em: 12 ago. 2018.
- ACERVO SCCP. São Paulo, 2009-2014. Disponível em: <<https://bit.ly/2BiOYpI>>. Acesso em: 12 ago. 2018.
- ANANIAS, J. M. *Esse Corinthians do avesso*. São Paulo: B4 Editores, 2012.
- ANTUNES, F. M. R. Do Velódromo ao Pacaembu: o movimento esportivo em São Paulo e a trajetória do futebol, de esporte de elite a paixão nacional. *Revista do Departamento de Patrimônio Histórico*, São Paulo, v. 5, n. 5, p. 88-95, 1998.
- CALDAS, W. *O pontapé inicial: contribuição à memória do futebol brasileiro (1894-1933)*. São Paulo: Ibrasa, 1990.
- CAMPOS, F. O futebol na universidade. *O Estado de S.Paulo*, São Paulo, 26 fev. 2013. p. 14-15.
- CORREIO Paulistano. São Paulo: Partido Republicano, n. 16669-17031, 1910. Disponível em: <<https://bit.ly/2Mb8HIX>>. Acesso em: 12 ago. 2018.
- _____. São Paulo: Partido Republicano, n. 17032-17394, 1911. Disponível em: <<https://bit.ly/2Mb8HIX>>. Acesso em: 12 ago. 2018.
- _____. São Paulo: Partido Republicano, n. 17395-17759, 1912. Disponível em: <<https://bit.ly/2Mb8HIX>>. Acesso em: 12 ago. 2018.
- FRANCO JÚNIOR, H. *A dança dos deuses: futebol, sociedade, cultura*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

- GAMBETA, W. (Org.). *Primeiros passos: documentos para a história do futebol em São Paulo (1897-1918)*. São Paulo: Ludens, 2014.
- HOBBSBAWM, E.; TERENCE, R. *A invenção das tradições*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2012.
- MACHADO DA SILVA, D. M. *Associação Atlética Anhanguera e o futebol de várzea na cidade de São Paulo (1928-1950)*. 2013. Dissertação (Mestrado em História) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013.
- MANGILI, L. P. *Bom Retiro, bairro central de São Paulo: transformações e permanências (1930-1954)*. São Paulo: Alameda, 2011.
- NEGREIROS, P. L. *Resistência e rendição: a gênese do Sport Clube Corinthians Paulista e o futebol oficial de São Paulo (1910-1916)*. 1992. Dissertação (Mestrado em História) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 1992.
- _____. *A cidade excludente e o clube do povo*. *Revista de História*, São Paulo, n. 163, p. 207-242, jul./dez. 2010.
- NICOLINI, H. *Tietê: o rio do esporte*. São Paulo: Phorte, 2001.
- O ESTADO de S. Paulo. São Paulo: Grupo Estado, 1910.
- _____. São Paulo: Grupo Estado, 1911.
- _____. São Paulo: Grupo Estado, 1912.
- ROLNIK, R. *A cidade e a lei: legislação, política urbana e territórios na cidade de São Paulo*. São Paulo: Fapesp, 1997.
- SALUN, A. O. *Palestra Itália e Corinthians: quinta coluna ou tudo buona gente?* 2007. Tese (Doutorado em História) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.
- SEVCENKO, N. *Orfeu extático na metrópole: São Paulo, sociedade e cultura nos frementes anos 20*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.
- _____. *Futebol, metrópoles e desastinos*. *Revista USP*, São Paulo, n. 22, p. 30-37, 1994.
- STREAPCO, J. P. F. *Cego é aquele que só vê a bola: o futebol em São Paulo e a formação das principais equipes paulistanas: S. C. Corinthians Paulista, S. E. Palmeiras e São Paulo F. C. (1894-1942)*. 2010. Dissertação (Mestrado em História) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.
- TUDO PODEROSO timão. São Paulo, 2007-. Disponível em: <<https://bit.ly/2Oxfsl0>>. Acesso em: 12 ago. 2018.
- UNZELTE, C. D. *Almanaque do Timão*. São Paulo: Abril, 2000.
- _____. *Timão 100 anos: 100 jogos, 100 ídolos*. São Paulo: Gutenberg, 2009.
- _____. *Bíblia do corintiano*. São Paulo: Panda Books, 2010.

Anexo I: Jogos do Sport Club Corinthians Paulista (1910-1912)

União da Lapa (SP)	1	×	0	Corinthians	10/09/1910
Corinthians	2	×	0	Estrela Polar (SP)	14/09/1910
Corinthians	5	×	0	A. A. da Lapa (SP)	27/09/1910
Morgan (SP)	?	×	?	Corinthians	08/10/1910
Corinthians	2	×	1	Carlos Gomes (SP)	1911
Corinthians	1	×	0	Santanna (SP)	1911
Corinthians	1	×	1	Tiradentes (SP)	1911
Corinthians	1	×	2	Ruggerone (SP)	1911
Corinthians	6	×	0	Ruggerone (SP)	1911
Corinthians	?	×	?	Argentino (SP)	22/01/1911
Parnahyba (SP)	?	×	?	Corinthians	29/01/1911
Cambridge (SP)	?	×	?	Corinthians	16/04/1911
Corinthians	?	×	?	Minerva	23/04/1911
Palmeiras (SP)/3º Time (A. A.)	?	×	?	Corinthians	07/05/1911
Ponte Preta (SP)	0	×	1	Corinthians	17/09/1911
Corinthians Campineiro (SP)	1	×	3	Corinthians	17/09/1911
Corinthians	3	×	1	União da Lapa (SP)	29/11/1911
Corinthians	?	×	?	A. A. da Lapa (SP)	29/11/1911
Fluminense de Jundiaí (SP)	?	×	?	Corinthians	19/05/1912
Corinthians	?	×	?	Concórdia (SP)	02/06/1912
Paulista de Jundiaí (SP)	?	×	?	Corinthians	09/06/1912
Corinthians	?	×	?	Concórdia (SP)	25/08/1912
Corinthians	?	×	?	Botafogo da Capital (SP)	22/09/1912
Corinthians	?	×	?	Minas Gerais (SP)	29/09/1912
Corinthians	?	×	?	Maranhão (SP)	06/10/1912
Corinthians	2	×	0	Minas Gerais (SP)	03/11/1912
Corinthians	?	×	?	Vila Mariana	10/11/1912
Corinthians	?	×	?	Ponte Preta	17/11/1912

Fonte: https://www.todopoderosotimao.com/todos_os_jogos.php



Rafael Vieira Domingos é graduado em História pela Universidade de São Paulo.
rafavdomingos@gmail.com